



**CLINICAL &
BIOMEDICAL
RESEARCH**



REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Volume 40, Supl. - dezembro 2020



9 a 13
nov
2020

Semana
CIENTÍFICA
do HCPA

Anais

cricofaríngeo. Na avaliação clínica da deglutição realizada, observou-se diminuição da elevação hiolaríngea, tosse fraca e presença de voz molhada prévia a oferta via oral, bem como após ingestão de pastoso homogêneo, sugerindo penetração ou aspiração laringotraqueal, compatível com diagnóstico de disfagia orofaríngea grave e recomendação de dieta exclusiva por via alternativa de alimentação. Foram propostos inicialmente exercícios indiretos da deglutição com o objetivo de melhorar a dinâmica muscular e de deglutição de saliva e pressão aérea subglótica. Após uma semana de treino indireto da deglutição, a paciente iniciou terapia com o EMST, sendo orientada a realizar cinco séries de cinco repetições de sopros curtos e fortes no dispositivo por cinco vezes na semana, por 4 semanas. Foi realizado exame de videofluoroscopia da deglutição antes e depois, para comparação dos resultados da terapia proposta. Observou-se melhora da ejeção oral e resposta faríngea, clareamento da estase alimentar em faringe, melhora da estabilização hiolaríngea e abertura do músculo cricofaríngeo, com eventos de penetração laringea com líquido. A paciente teve alta alimentando-se exclusivamente por via oral, com dieta pastosa, líquida e alimentos com grumos. Conclusão: A terapia fonoaudiológica com EMST promoveu melhora significativa da deglutição, principalmente da abertura do EES e evolução para via oral segura e eficiente neste caso.

2611

INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NO COLESTEATOMA: RELATO DE CASO

KAROLINE TEREZINHA QUARESMA; SIMONE AUGUSTA FINARD; JULIA SOUZA DE OLIVEIRA

HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: Os colesteatomas têm características expansivas e de lise óssea, podendo invadir estruturas adjacentes, como a orelha interna, nervo facial e sistema nervoso central. Devido ao comportamento destrutivo, o diagnóstico e o tratamento precoces são essenciais na prevenção de suas complicações. A paralisia facial periférica resultante possui incidência apenas de 1.1%, sendo a presença de disfagia e disфонia associados aos quadros da doença ainda mais raros na literatura.

Descrição do caso: Paciente de 31 anos, masculino, foi encaminhado à emergência de um hospital público com paralisia facial, disфонia e queixa de disfagia com início após 10 dias de evolução de uma otite média. Ao exame de ressonância magnética foi identificada lesão expansiva na região petroclival, mastoide e ângulo ponto-cerebelar esquerdo, com indefinição de grande parte do nervo facial e envolvimento da artéria carótida interna esquerda, decorrentes de um colesteatoma extenso. Após nasofibrolaringoscopia, foi diagnosticada paresia de prega vocal esquerda com fechamento glótico incompleto e fenda fusiforme. Ainda sob avaliação médica, a paralisia facial foi classificada como disfunção leve (grau 2) na escala de House e Brackmann. Na avaliação fonoaudiológica, identificaram-se alterações de mobilidade e hipotonia da mímica facial à esquerda e disфонia com qualidade vocal rugosa. Quanto à deglutição, havia alterações na fase faríngea caracterizadas por pigarro após a deglutição do líquido e queixa de estase faríngea para todos os alimentos avaliados. Os diagnósticos fonoaudiológicos foram disfagia orofaríngea leve à moderada e disфонia. Como intervenção fonoaudiológica, ainda na unidade de emergência, foram indicadas a manobra de rotação cervical à esquerda durante a deglutição e manobras de clareamento laríngeo eficazes para uma melhora funcional. Não foram necessárias adaptações nas consistências dos alimentos. Durante a internação hospitalar, o paciente foi submetido à petrosectomia, apresentando melhora progressiva da disfagia e disфонia, porém manteve quadro de paralisia facial no pós-operatório.

Conclusão: Foram identificadas alterações fonoaudiológicas tanto de caráter estrutural quanto funcional. A atuação fonoaudiológica precoce mostrou-se eficaz quanto às queixas de disfagia e disфонia, ressaltando a necessidade de avaliação e acompanhamento desses casos pela área.

2682

POTENCIAIS EVOCADOS AUDITIVOS CORTICAIS EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

MARÍLIA SANTOS DE LIMA; LAURA FLACH SCHWADE; RUDIMAR DOS SANTOS RIESGO ; PRICILA SLEIFER

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Introdução: O processo de aprendizagem abrange elementos acústicos que demandam uma integridade das vias auditivas e um funcionamento normal das estruturas centrais, sendo essenciais para aquisição de habilidades perceptuais, bem como a incorporação do sistema auditivo como todo, desde orelha externa até córtex auditivo. Crianças com dificuldades de aprendizagem podem apresentar dificuldades em algumas habilidades auditivas centrais. Os Potenciais Evocados Auditivos Corticais (PEAC) são procedimentos que refletem mudanças elétricas, que ocorrem no sistema auditivo central em resposta a um estímulo acústico, capaz de avaliar o processamento da audição em nível cortical e possibilitam avaliar o sistema auditivo desde tronco encefálico até córtex auditivo. Objetivo: Analisar as respostas dos potenciais evocados auditivos corticais em crianças com queixas de aprendizagens e comparar os resultados com um grupo controle. Métodos: Estudo transversal e comparativo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob número 55977316.8. A amostra foi composta por 90 crianças de ambos os sexos, com idade entre 8 anos e 11 anos e 11 meses, estudantes do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. O grupo estudo (GE) foi composto por 30 crianças com queixas de dificuldades de aprendizagem, e o grupo controle (GC) por 60 crianças sem queixas, grupo foi duplamente pareado por idade e sexo. Todos os participantes realizaram avaliação auditiva periférica e realização dos potenciais auditivos corticais. Os estímulos auditivos utilizados foram apresentados em ambas as orelhas simultaneamente, com intensidade de 70 dBNA. O estímulo frequente foi de 1.000 Hz e o estímulo raro de 2.000 Hz. Resultados: Os achados foram estatisticamente significantes para os valores de latência das ondas P2 e N2 do PEAC na comparação entre crianças com queixas de dificuldades de aprendizagem e o grupo controle, sendo esses valores aumentados no grupo estudo. Além disso, verificou-se morfologia das ondas alteradas em relação ao grupo controle. Não houve diferença significativa na análise comparativa entre orelhas e sexo, em ambos os grupos. Conclusão: Neste estudo, verificou-se que crianças com queixas de aprendizagens apresentaram aumento nos valores de latência na avaliação do potencial evocado auditivo cortical em comparação com o grupo controle.